

JORNAL DIGITAL COMO POSSIBILIDADES E CONTRIBUIÇÕES DA PRODUÇÃO TEXTUAL COM ESTUDANTES DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

DIGITAL JOURNAL AS POSSIBILITIES AND CONTRIBUTIONS OF TEXTUAL PRODUCTION WITH STUDENTS OF THE 4th YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION

- **Suzana Aparecida Portes** - Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR –
suzanaapportes@gmail.com
- **Lilian Rose de Almeida** – Universidade Federal de Itajubá- UNIFEI –
lilianrose.almeida@yahoo.com
- **Thaís Cristina Rodrigues Tezani**- Universidade Estadual Paulista – UNESP/Bauru -
thaistezani@yahoo.com.br

Resumo:

Esta pesquisa surgiu diante do reconhecimento de que, vivemos em uma era tecnológica e crianças que chegam à escola, apresentam grande familiaridade com as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC). De acordo com o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo) em considerável número de escolas públicas há a presença de laboratórios de informática equipados por computadores, sem, entretanto, a garantia de uso eficaz atrelado ao currículo. Pretendemos, com o presente trabalho, auxiliar professores por meio do desenvolvimento de uma sequência didática apoiada no uso das TDIC disponíveis nas escolas como: computador, netbooks e internet. Nossa pesquisa, portanto, é de natureza qualitativa do tipo participante e experimental, realizada com alunos do 4º ano do Ensino Fundamental I. Efetuamos, as seguintes etapas: 1) revisão bibliográfica; 2) questionário inicial com alunos; 3) construção da sequência didática que utilize as TDIC como ferramenta pedagógica; 4) aplicação da sequência com os alunos; 5) considerações e avaliação sobre a sequência didática; 6) questionário final com alunos; 7) análise dos dados e possíveis cruzamentos. Verificamos com esses passos que os estudantes puderam superar o uso ingênuo e sem preparo das TDIC, demonstrando-se ativos nos procedimentos adotados e com a possibilidade de serem autores de seus próprios conhecimentos, favorecendo assim a articulação das TDIC ao currículo.

Palavras-chave: Nativos digitais. Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Sequência didática. Processos de ensino e aprendizagem.

Abstract:

This research came to the recognition that we live in a technological age and children who come to school, are very familiar with the Digital Information and Communication Technologies (TDIC). According to the National Program of Educational Technology (ProInfo) in a large number of public schools, there are computers equipped with computer labs, without, however, guaranteeing the effective use of the curriculum. We intend, with the present work, to help teachers through the development of a didactic sequence supported in the use of TDICs available in schools such as: computer, netbooks and internet. Our research, therefore, is qualitative of the participant and experimental type, carried out with students of the 4th year of elementary school I. We performed the following steps: 1) bibliographical review; 2) initial questionnaire with students; 3) construction of the didactic sequence that uses the TDIC as a pedagogical tool; 4) application of the sequence with the students; 5) considerations and evaluation of the didactic sequence; 6) final questionnaire with students; 7) data analysis and possible crosses. We verified with these steps that the students were able to overcome the naive and unprepared use of the TDICs, showing themselves to be active in the procedures adopted and with the possibility of being authors of their own knowledge, thus favoring the articulation of the TDICs to the curriculum.

Keywords: Digital natives. Digital Information and Communication Technologies. Following teaching. Teaching and learning processes.

1. As TDIC no contexto escolar

Ao nos atentarmos às mudanças que as tecnologias digitais trouxeram à vida humana como um todo, não é difícil reconhecer tais mudanças em diversos setores da sociedade, porém, nossas inquietações, envolve a especificidade da pergunta "será a escola também cenário de tais mudanças?".

Compreendemos como normal a insegurança dos professores em inovar suas práticas pedagógicas de maneira tão veloz, como vem sendo requisitado, tendo como resultado a visão de que o ambiente escolar infelizmente é um dos raros espaços onde se continua com práticas de séculos passados.

Para Leite (2011) a escola, na pessoa do professor, precisa ir além de metodologias tradicionais, na qual só requer memorização de conteúdos por parte dos alunos, pois é notório que estamos vivendo em uma sociedade digital, a memorização não faz tanto sentido como para as culturas orais e escritas.

Entra em cena o aprender de maneira significativa por meio do uso de imagem, sons, símbolos, um ambiente virtual que pode ser utilizado no ambiente escolar, como proposta pedagógica. Com isso compartilhamos da ideia de que a educação escolar terá de se adaptar as novas mudanças.

Entendemos que alguns professores ainda se sintam intimidados, com medo de trabalhar com as tecnologias digitais, mas se fazem necessárias mudanças significativas na escola e no processo de ensinar e aprender, sendo preciso muitas vezes reaprender a ensinar, ter o legítimo domínio técnico, pedagógico e crítico, proposto por Leite (2011), focando o objetivo de que a escola deve tornar-se um espaço no qual ocorra de fato à

aprendizagem significativa, a transmissão ativa dos conteúdos historicamente construídos pela humanidade, inovadora, colaborativa, com métodos, procedimentos, recursos e currículo diferente para atender da melhor maneira os atuais educandos, ou seja, os nativos digitais .

Almeida e Silva (2011) destacam que para trabalhar usando tecnologias, há necessidade ainda maior de integração de conteúdos programáticos, não podendo haver ensino separado de qualificações. E, para atingir esse objetivo, a autora acredita que trabalhos baseados em projetos sejam uma maneira eficaz de interagir diversas mídias a favor da aprendizagem.

Não queremos dizer com isso que as TDIC são as salvadoras de todas as mazelas da educação contemporânea e muito menos que em todas as aulas e todos os conteúdos deve ser passados trabalhados usando algum tipo de tecnologia digital.

Acreditamos, portanto, que valorizar as coisas boas que os professores fazem sem o uso das tecnologias e ao mesmo tempo proporcionar oportunidades de se fazer bom uso delas, em favor do ensino e da aprendizagem dos estudantes e da satisfação do professor em ver bem cumprido seu papel, é um dos grandes desafios da escola e seus diretores, cuidando ainda em “evitar a armadilha de fugir da tecnologia por um lado e, por outro, abraçá-la em locais aos quais ela não pertence (PALFREY e GASSER, 2011, p. 277).

As TDIC atrelada ao currículo possibilitam a construção de conhecimento por parte dos alunos, ou seja, que o educando seja mais autônomo em seu processo, pois a aquisição de conhecimentos não precisa estar apenas dentro da sala de aula ou mesmo da escola.

Para Almeida (2011, p.3):

As novas interfaces, ferramentas e serviços que compõem a Web 2.0, também denominada de web social, caracterizam-se pelo fácil manuseio e por potencializar a comunicação multidirecional de qualquer lugar e a qualquer tempo, o compartilhamento de informações, a colaboração e a produção de conhecimento entre os participantes de uma comunidade, propiciando a interação social e o desenvolvimento de aprendizagens relevantes.

Portanto, existe diversas possibilidades de uso das TDIC no processo de ensino e aprendizagem, mas é preciso planejamento articulado ao currículo para que os resultados sejam positivos.

2. A escola, os nativos digitais e a prática docente

Atualmente, a escola tem recebido alunos diferentes do que vinha recebendo pouco tempo atrás, são essas crianças os chamados nativos digitais. De acordo com Palfrey e Gasser (2011) os nativos digitais são as crianças nascidas a partir da década de 1980 e 1990, que apresentam contato e intimidade com o mundo digital.

Obviamente nem todos, se enquadram na descrição acima, principalmente na nossa realidade, mas é bastante improvável que encontremos hoje jovens que não possuam ou tenham acesso a pelo menos um celular com acesso à *Internet*.

Assim, a função do professor é articular as possibilidades que esses estudantes apresentam em usar determinados equipamentos eletrônicos ligado à Internet, para além do entretenimento, mas o levar para uso didático e pedagógico, primeiramente acreditando que podemos aproximar alunos em seu cotidiano a conteúdos escolares clássicos.

Contudo, parece que a escola precisa refletir, repensar a prática docente para que possam perceber o que esta geração necessita e em que aspectos diferem das gerações anteriores, a partir daí rever as atividades que estão sendo oferecidas para que sejam interessantes motivadoras e significativas no processo de ensino e aprendizagem.

Para Palfrey e Gasser (2005, p 278), “as escolas devem usar as tecnologias digitais para encorajar a aprendizagem em equipe. A escola do futuro colocará os alunos em ambientes com apoios digitais onde eles poderão trabalhar, e aprender, em equipe”.

Portanto, cabe ao professor, fazer uso das TDIC de maneira eficaz, e com planejamento adequado, tornando as aulas atrativas e proporcionando momentos de troca de experiências, sendo assim a inclusão das TDIC em sala de aula quando bem planejadas, ajuda a aumentar a comunicação entre professores e alunos, resultando em avanços nos processos de ensino e aprendizagem. Entendemos que as mídias atuais possibilitam caminho rico para aprendizagem e cidadania.

Diante desse cenário, concordamos com Freire (2011, p. 53) aos dizer que “os meios de comunicação devem ser incluídos, sobretudo, como objetos de estudo para que os jovens tenham uma compreensão menos superficial de sua época, da influência midiática no jogo democrático, no discurso ideológico e no consumo”. Buscamos assim, mostrar para os alunos as possibilidades do uso das mídias a favor de uma sociedade mais democrática e crítica com as notícias que lhes são transmitidas.

3. O trabalho com gêneros discursivos na escola: sequência didática como proposta

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (1997), identificam que uma das principais funções da escola é seu o comprometimento em ensinar o domínio da Língua Materna e de acesso a saberes linguísticos, com o objetivo de viabilizar o direito inalienável do ser humano de tornar-se cidadão:

O domínio da língua tem estreita relação com a possibilidade de plena participação social, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Assim, um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 21).

A escola, sempre trabalhou e trabalha com gêneros, pois toda forma de comunicação está centrada em alguma forma de linguagem específica como base.

É de evidente clareza que gêneros são utilizados e bem aceitos nas diferentes práticas pedagógicas de linguagem quando atentamos ao fato de que reconhecemos gêneros de imediato, por exemplo, nas atividades como elaborar redação, diálogos, poesias, etc.

Com isso ao escolhermos um determinado gênero para dar suporte a prática de ensino, atentamos a aspectos combinantes que influenciam diretamente no sucesso do trabalho, no que se refere a conteúdo e conhecimento descritível através do gênero, ou seja, verificação de comunicabilidade pelo gênero escolhido, aqui eliminaríamos incoerências como tentar ensinar gramática por meio de desenhos puramente. Outro aspecto é verificação dos elementos da estrutura do conhecimento a ser transmitido se possui ou não relação com os símbolos semióticos partilhados pelo gênero escolhido, o que se bem analisados evitariam anomalias como tentar ensinar sinais de trânsito através de linguagem puramente falada.

De acordo com Arena (2008 p. 17)

Quando o leitor está familiarizado com um determinado tipo de texto, como o jornal, por exemplo, e conhece sua formação, sua estrutura – manchetes, títulos, olho, legenda, notícia, paginação, entre outros – poderá manipular qualquer jornal, seja ele de grande ou pequena circulação, até mesmo em língua desconhecida”.

Optamos pelo gênero reportagem jornalística reconhecendo e focando esforços na dinâmica inerente a esse gênero, também foi de considerável peso para essa escolha, o fato de que o jornal, suporte do gênero jornalístico é um instrumento cotidiano de uma sociedade na obtenção de algum conhecimento ou informação, e nesse raciocínio nada melhor que a própria construção de um jornal interno do próprio espaço em questão, ou seja, a escola.

Entre a gama de possibilidades a serem trabalhadas com o uso das TDIC na escola escolhemos as mídias digitais, com o uso de hipertexto, baseando-nos em gêneros textuais, objetivando o sucesso e excelência no ensino e aprendizagem de conteúdos diversos, incluindo a escrita e a fala. Ousamos dizer que qualquer conhecimento pode ser trazido à luz por meio desse tão importante e tão presente gênero textual, porém, não sem antes haver uma modelização didática, ou seja, o processamento do conhecimento a ser ensinado adaptando-o ao gênero reportagem jornalística (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004).

Utilizamos o jornal em nossa modelização didática, com a clara intenção de aumentar o letramento e a escrita dos educandos, primeiramente por apresentar e familiarizá-los com jornais de circulação restrita, como jornais municipais, seguidos de jornais de maior circulação como os estaduais, nacionais. Essa etapa procura dar o suporte necessário para que posteriormente possamos juntos construir um jornal escolar e mais adiante trabalhar conteúdos na plataforma Web 2.0.

4. Escolha e descrição do tipo de pesquisa

A metodologia escolhida, que foi a pesquisa de abordagem qualitativa, participante e experimental e foi realizada em ambiente escolar, sempre com a presença da professora da sala na qualidade de pesquisadora participante e seus 22 alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental, mais especificamente o 4º ano.

5. Análise e interpretação dos dados

Nesta fase da pesquisa apresentaremos os dados apanhados mediante aplicação da entrevista inicial e final e das atividades realizadas para a criação do jornal digital, que foram concretizadas com os alunos na instituição escolar da Rede Municipal de Ensino da cidade de Lençóis Paulista, estado de São Paulo.

Conseqüentemente, apresentaremos os resultados das situações que compõem a investigação desta pesquisa, os quais foram analisados à luz do referencial teórico anteriormente mencionado.

6. Entrevista inicial

Dessa maneira, adotamos a entrevista semiestruturada como instrumento de coleta de dados, que acontecerá em dois momentos: no início da pesquisa, para verificar a compreensão que os participantes têm em relação ao jornal impresso e digital, e no final, para avaliar a sequência didática.

Segue abaixo síntese da entrevista inicial.

Quadro 1: Síntese da entrevista inicial

Pergunta 01: Você sabe o que é jornal?	
Aluno	Resposta
A01	Sim. É onde a gente vê foto e lê notícias.
A02	Sim. É um papel que tem um monte palavras que falam o que está acontecendo na cidade, um monte de coisas. Tem acidentes, inaugurações, têm sobre tempo também, informações, notícias, fala coisas que acontecem até em outras cidades.
A03	Sim, onde você pode ter informações da cidade, têm assassinatos, fotos.
A04	Sim, o jornal traz as notícias para as pessoas. Tem acidentes, política, não sei mais.
A05	Jornal é tipo um computador só que em folhas, que traz notícias sobre a nossa cidade.
A06	Sim, é um tipo de um livro que passa bastante informação pra você.
A07	Sim, tem notícias.
A08	Sei, é onde tem um monte de fotos.

Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Passamos a análise e observações das falas dos alunos, sendo que já na primeira pergunta, obtivemos uma informação bastante relevante, pois quase a unanimidade dos alunos respondeu que já sabiam o que era um jornal, sendo que somente um único aluno respondeu de modo negativo. Essa pergunta é importante, pois embora de modo óbvio, todo mundo saiba o que é jornal, ao analisarmos mais a fundo o veículo informativo jornal, muitos cidadãos não possuem a real dimensão do que venha a ser um jornal.

Desta maneira, não é surpresa encontrarmos nas respostas dos alunos que os jornais trazem notícias sobre assassinato, enchente, acidentes e tragédias, pois para esses alunos são essas as partes mais importantes do que se trata o jornal.

Visto que a maioria disse saber o que é jornal, e todas as respostas afirmativas, nos indicam que o entrevistado possui noção de que é jornal tem relacionamento com notícias, resolvemos investigar um pouco mais o quão familiarizados eles estavam com essa mídia informativa.

Quadro 2: Síntese da entrevista inicial- pergunta 2

Pergunta 2: Você já leu uma notícia na internet?	
A01	Nunca li.
A02	Não.
A03	Até agora não.
A04	Ainda não.
A05	Não li.
A06	Não li nenhuma notícia ainda.
A07	Não.
A08	Não.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

A negativa dessa resposta, nos transporta novamente ao ponto em que procuraremos fazer os alunos enxergarem o quanto de notícias eles já leram na Internet. Podemos ver claramente que, nenhum deles considera como “leu uma notícia na Internet”, as informações que eles leem no Facebook dos amigos, por exemplo. Encaram, apenas, como notícias como sendo aquelas veiculadas em sites jornalísticos.

A coleta e análise dos dados, por meio dessa sequência de perguntas, nos confirmam informações já apontada por vários autores, entre eles Arena (2008, p.55) que diz:

No entanto, os fatos escolhidos para ser notícia estão vinculados ao dia-a-dia de uma classe social que compra jornal, mas que não é a maioria dos alunos. Considera-se que muitos alunos não têm o jornal como veículo de comunicação, e que o jornal impresso ou falado não aborda questões sociais prioritárias para as classes de nível econômico baixo, nem sempre as notícias trazidas pelos jornais correspondem a um imediato diálogo entre alunos e sociedade.

Sim, de fato, numa sociedade capitalista, o jornal é direcionado aos que consomem, consomem tanto ao serem assinantes dos jornais, quanto aqueles que consomem os produtos anunciados em seus classificados e outros modos de propaganda e marketing dos parceiros empresariais envolvidos. O jornal se faz desinteressante a população

economicamente menos favorecida, não priorizarem o seu uso, ou seja, os jornais, em geral não abordam assuntos aos quais os cidadãos com renda mensal estritamente dirigida ao básico para manutenção da vida, pudessem se interessar.

7. Sequência didática

A primeira parte de uma sequência didática então é a da apresentação da situação, ou seja é quando o professor reúne os participantes do projeto e lhes apresenta o cenário, dando aos alunos informações sobre os como e os porques, as motivações, e nessa fase o educador pode convencer aos alunos a necessidade de sua proposta e do engajamento de seus participantes no projeto que virá a ser proposto.

Para Schneuwly e Dolz (2004, p. 82) “a apresentação da situação de comunicação é, portanto o momento em que a turma constrói uma representação da situação de comunicação e da atividade de linguagem a ser executada”, isso de maneira mental, ou seja, o aluno nessa fase deve entender todo o contexto e suas nuances, ferramentas que serão utilizadas, que o capacitará a dar entrada no processo seguinte com segurança, ou seja, elaborar a sua produção inicial. Nessa fase então, será objetivo transmitir de maneira eficiente aos alunos participantes do projeto, as dimensões do trabalho com apresentação de um problema de comunicação convincente, ou seja, que os alunos o tomem como realmente, algo a ser trabalhado e que será sanado por meio de um gênero textual.

Sabendo entre outras coisas que, a sequência didática trabalha em cima de um gênero, nosso trabalho inicial nessa fase foi também a sua escolha, optamos pelo gênero reportagem jornalística, e como suporte o jornal. Seguindo as práticas já expostas em capítulos anteriores, elaboramos a modelização do gênero reportagem jornalística e toda sua estruturação, resultando na sequência didática.

A etapa a seguir, tem seu próprio ritmo e não é rígida quanto ao número de interações que irão ocorrer, sendo perfeitamente adaptada as intercorrências advindas do próprio dinamismo da sala de aula no contexto de produção de projetos. Essa etapa é disposta em módulos, sendo que estes, “trata-se de trabalhar os problemas que apareceram na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 87). Essas atividades deverão ser trabalhadas de maneira sistêmica e profunda, sendo assim propicia ao educador observar as necessidades e as descobertas dos alunos durante o processo de ensino e aprendizagem com o gênero, uma vez que o aluno interage com os colegas da sala por meio das atividades propostas pelo professor e ao mesmo tempo constrói o conhecimento.

Para os autores a primeira produção é uma etapa de suma importância, tanto para professor quanto para aluno, pois para o educando será momento de descobertas entre o que já é de seu domínio e o que ainda não domina a respeito do gênero selecionado como objeto de ensino, sendo que para educador será nesse momento, a oportunidade de fazer uma análise integral de seus alunos, atentando-se em identificar as dificuldades e moldar ou adaptar a sequência didática de acordo com as “capacidades reais que os alunos dominam” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p. 87), sem a ilusão de se partir de pressupostos não encontrados e com risco de insucesso no projeto e falhas no ensino e aprendizagem.

Cabe destacar, que nas atividades elaboradas pelo professor, os módulos devem ser levadas em consideração as necessidades particulares de cada aluno, visando, assim, que os

objetivos delineados nessa etapa cheguem a ser alcançados de maneira satisfatória para a entrada de produção final.

Enfim a produção final, tendo tido o caminhar das etapas anteriores, é consequente que os alunos tenham tido um estudo, algumas vezes, aprofundado das particularidades do gênero escolhido, e foi também, ao longo do desenrolar do projeto tendo subsídios e conteúdos que os capacitam a expor o que foi adquirido, agora numa produção final, dado a aproximação do término do processo, levando em conta tempo que se disponibilizou para a entrega final do projeto.

Nessa etapa, o professor terá a oportunidade de investigar as aprendizagens obtidas comparando a primeira produção com a produção final, como resultado ele averiguará se o aluno obteve avanços em relação ao gênero estudado e outras melhorias em seu modo de comunicar-se.

A seguir trataremos da etapa que consistiu o desenvolvimento das atividades para a construção do jornal digital pelos alunos.

Quadro 3 : Etapas da sequências

Etapas	OBJETIVOS	ATIVIDADES	MATERIAL	TEMPO
Apresentação da situação	<ul style="list-style-type: none"> -Incentivar o aluno a conhecer o jornal. -Apresentar as estruturas dos textos jornalísticos. -Conhecer a função do jornal. -Explicar o papel do jornal na sociedade. -Apresentar os possíveis conteúdos dessa esfera. 	<ul style="list-style-type: none"> -Roda da conversa com os alunos sobre o jornal. -Entrevista individual sobre o que sabem a respeito do jornal. -Discussão sobre a importância do jornal. -Apresentação dos diversos tipos de jornal. Impressos e digitais. -Discussão sobre as semelhanças e diferenças e as diversas possibilidades da elaboração de um jornal. 	<ul style="list-style-type: none"> -Jornais impressos. - Computadores com acesso a internet. 	-6 horas

Primeira Produção	-Observar o que o aluno sabe sobre como produzir um jornal impresso. Para a partir daí elaborar um plano de ação para sanar as dificuldades.	-Produção da reescrita de uma notícia jornalística. -Avaliação do grupo.	-Jornais impressos. - Computadores com acesso a internet -Lápis. -Borracha. -Caneta. -Caderno. -Tesoura.	6 horas
Módulo 1	-Conhecer o gênero notícia jornalística/política. -Aprender a fazer busca na internet -Desenvolver uma notícia jornalística/política. -Socializar as notícias.	-Leitura de notícias em jornais digitais. - Criação de uma notícia por grupo sobre política. -Leitura das notícias elaboradas pela a sala.	-Jornais impressos. - Computadores com acesso a internet -Lápis. -Borracha. -Caneta. -Caderno. -Tesoura.	6 horas
Módulo 2	-Conhecer o caderno de entretenimento/cultura . -Desenvolver uma notícia sobre entretenimento/cultura . -Aprender a fazer busca na internet. - Aprender a inserir imagens. - Digitar notícia no computador. -Aprender salvar o arquivo digitado.	--Leitura de notícias de jornais impressos e digitais. - Criação de uma notícia por grupo sobre eventos culturais da escola/cidade. -Leitura das notícias elaboradas pela a sala.	-Jornais impressos. - Computadores com acesso a internet.	4 horas
Módulo 3	-Criar com a sala um caderno com notícias de acontecimentos/atividades realizadas na escola. Sugestão para o nome do caderno: Acontecimentos da	- Criação de notícias por grupos sobre os acontecimentos e atividades realizadas na escola.	-Câmera digital. - Computadores com acesso a internet.	4 horas

	semana/mês. - Digitar notícia no computador. - Inserir imagens. - Aprender salvar o arquivo digitado.			
Módulo 4	- Criação do jornal digital no Wix. - Digitar notícia no computador. - Inserir imagens. - Salvar arquivo	- Entrevista com professor de dança da escola. - Vídeos e fotos de atividades realizadas na escola.	- Celular. - Câmera digital. - Computadores com acesso a internet.	4 horas
Produção Final	- Finalização do jornal digital. - Disponibilização do jornal por meio do blog da escola.	- Organização dos materiais criados até o momento. - Disponibilização online do material produzido	- Computadores com acesso a internet.	6 aulas

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

8 Entrevista final

Logo após a realização da sequência didática, aplicamos a entrevista semiestruturada para analisar o entendimento dos alunos sobre o desenvolvimento das atividades propostas, o que aprenderam durante a construção do jornal digital, e avaliar a sequência didática.

Quadro 4: Síntese entrevista final

Alunos	O que você aprendeu sobre o trabalho com jornal digital?
A1	Eu aprendi com a tecnologia, com o computador e a aula foi muito boa, legal, calma, foi diferente. Eu aprendi também que têm nos dois jornais notícias, fotos, política, informações sobre vendas, cultura, dança.
A2	Eu aprendi de tudo, desde gravar, entrevistar, tirar fotos de todos, aprendi a fazer notícias sobre tudo. A notícia que eu mais gostei foi sobre os brinquedos com materiais recicláveis que estavam na Casa da Cultura, eu visitei a exposição e escrevi a notícia.
A3	Um monte de coisas como fazer uma entrevista, fazer notícias, sobre os cadernos do jornal e fazer um jornal digital.
A4	Aprendi fazer notícias sobre teatro, danças, política, esportes.
A5	Em primeiro lugar eu aprendi a fazer as notícias e também aprendi que através dos nossos olhos a gente pode criar notícias. Tudo ao nosso redor é notícia, as notícias precisam ter dia, hora e lugar onde aconteceu para informar corretamente as pessoas.

	E agora na minha casa eu sou a primeira a pegar o jornal, minha madrasta compra.
A6	Trabalhar em grupo, e aprendi a usar tecnologia nas aulas, usamos muita tecnologia. E o jornal na internet é mais legal porque eu achei melhor usar o computador, gostei mais.
A7	Que é dividido em cadernos as notícias tem fotos, esportes, acidentes, saúde, classificados. E também aprendemos fazer um jornal digital
A8	Bastante coisas como notícias, esportes, política, vendas e compras, fotos, não lembro mais.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

Em seguida segue síntese da segunda pergunta, referente a entrevista final.

Quadro 5: Síntese entrevista final

Alunos	O que você achou do trabalho com tecnologias na sala de aula?
A1	Achei bem diferente e legal. Não sabia que dava pra fazer um jornal assim, dos alunos. Eu gostei bastante mesmo.
A2	Achei muito legal, usamos muito coisa como os computadores, celular e câmera digital.
A3	Eu gostei muito de usar mais o computador, a internet, câmera e celular. O celular eu uso em casa, minha mãe empresta o dela pra mim.
A4	Eu gostei de fazer as notícias no computador e salvar, depois joguei no jornal.
A5	Foi importante porque alguns acontecimentos que aconteceu na escola a gente ia colocando no jornal digital e muitas pessoas iam se informar por lá. Nosso jornal vai estar no blog da escola e muitas pessoas vão poder acessar como os outros alunos, professores, pais dos alunos e também a diretora e todo mundo que quiser acessar. Mas o que eu mais gostei foi a participação de todo mundo, cada um fez sua parte e continua fazendo essa parte, todo mundo participou. Se fosse só 5 crianças fazendo as outras crianças não iam participar elas iam ficar tristes e não iam ter um pedaço da história delas no jornal. E gostei também porque os pais podem ver o jornal e vão ter orgulho dos seus filhos e também os filhos vão aprender muito mais com o jornal. Graças às tecnologias pudemos fazer um jornal, é muito importante porque a gente aprende e a gente ensina através das tecnologias, se não tivesse internet não teria o jornal. A gente cria e usa a imaginação e tem a participação de todo mundo.
A6	Muito interessante, a aula ficou mais gostosa e também as pessoas podem ficar mais informadas com as notícias. Até criamos o nosso jornal Escola Todo Dia, foi muito bom.
A7	Achei muito legal! Nossa usamos muito o computador fizemos quase tudo no computador, bem diferente. Agora os outros alunos também podem acessar o nosso jornal.
A8	Foi bem gostoso, nós digitamos as notícias no computador e colocamos no nosso jornal. Eu digitei a notícia da dança.

Fonte: Arquivo da pesquisadora

De acordo com Moran (2000, p.73) “o desafio imposto aos docentes é mudar o eixo do ensinar para optar pelos caminhos que levem ao aprender. Na realidade, torna-se essencial que professores e alunos estejam num permanente processo de aprender a

aprender”. Ou seja, a aprendizagem precisa ser efetivamente significativa para todos, tanto para os educandos como para os educadores.

Sendo assim, diante das repostas da entrevista final pudemos analisar o quanto de avanço a turma teve em relação a entrevista inicial e após o desenvolvimento da sequência didática. Os alunos apontaram como positivo criar um jornal digital, com notícias elaboradas por eles partindo de situações concretas.

9. Considerações finais

A motivação desse trabalho, toda sua pesquisa, elaboração de práticas pedagógicas, finalizando com a aplicação da sequência didática proposta, é a de trazer proximidade entre o educador, suas práticas e o uso das TDIC no ambiente escolar.

O professor, algumas vezes, tímido diante dos desafios de lecionar aos chamados, nativos digitais, pode encontrar nesse trabalho um guia com possibilidades amplas de adaptações para unir TDIC e os alunos na intenção de alcançar suas metas.

O presente projeto teve como objetivo apresentar possibilidades de utilização das TDIC no processo de ensino e aprendizagem. E com a construção do jornal digital pudemos confirmar que foi bastante positivo.

Colocar a sequência didática na prática, com alunos onde os recursos de TDIC eram suficientes, porém limitados, e mesmo assim alcançar tais objetivos, me leva a defender a ideia de que muitos professores podem fazê-la também junto aos seus alunos. Numa sala bastante heterogênea em relação a familiaridade com as TDIC pudemos ver motivados desde o aluno que pensava não conhecer nem mesmo jornal impresso, quanto, em outro extremo o aluno que já se sentia um “expert” nesse assunto.

Ao trabalharmos com os cadernos jornalísticos Política, Entretenimento e Cultura, e ainda por sugestão dos próprios alunos um caderno chamado Notícias da Semana, pudemos ver integradas diferentes matérias, o que proporcionou resultados tangíveis e mensuráveis como em gramática, oralidade e escrita e também resultados intangíveis como pude perceber ao observar a desenvoltura dos alunos ao repetir processos como entrevista, escrita de matéria e outros, sentindo o quão mais seguros eles iam se mostrando com o passar do tempo.

Os alunos se mostraram completamente fascinados e ativos nos procedimentos, empolgados com a possibilidade de serem autores de seus próprios conhecimentos e com base nos teóricos citados, é preciso ter em mente que os alunos do século XXI, nativos digitais, se beneficiam do conhecimento e vivência do professor em relação ao mundo que os rodeia. Mesmo que na maior parte do tempo, os alunos estejam em contato com o mundo virtual, essa conduta só será de real valor se associada a uma boa prática analítica, e nisso é onde reside a oportunidade de o docente trazer benefícios ao aluno.

10. Referências

- ALMEIDA, M. E. B. de; ASSIS, M. P. Integração da Web 2.0 ao Currículo: A Geração Web Currículo. **la educ@ción revista digital.**, v.145, p.1 - 24, 2011. Disponível em: http://www.educoea.org/portal/La_Educacion_Digital/145/articles/ART_bianconcini_ES.pdf
- ALMEIDA, M. E. B. de; SILVA, M. G. M. Currículo, Tecnologia e Cultura Digital: espaços e tempos de web currículo. **Revista e-Curriculum** (PUCSP). , v.7, p.1 - 19, 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/5676/4002>
- ARENA, A. P. B. **A leitura de jornais impressos e digitais em contextos educacionais: Brasil e Portugal.** 2008. 254 f. Tese (doutorado) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/102250>>.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC: SEF, 1997.
- FILÉ, V. Novas tecnologias, antigas estruturas de produção de desigualdades. In: FREIRE, W. (Org.); AMORA, D. et.al. **Tecnologia e educação:** as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- FREIRE, W. Mídia-educação: reflexões e práticas de um terceiro espaço. In: FREIRE, W. (Org.); AMORA, D. et.al. **Tecnologia e educação:** as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- LEITE, L. S. Mídia e a perspectiva da tecnologia educacional no processo pedagógico contemporâneo. In: FREIRE, W. (Org.); AMORA, D. et.al. **Tecnologia e educação:** as mídias na prática docente. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.
- MORAN, J. M. et al. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica.** Campinas-SP, Papyrus, 2001.
- PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital:** entendendo a primeira geração dos nativos digitais. Porto Alegre, ARTMED, 2011.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola.** Campinas: Mercado de Letras, 2004.